

Os imigrantes e as ressignificações identitárias: ambivalência da brasilidade

Eliane Marchetti Silva Azevedo ¹

Resumo: Este artigo tem por objetivo conhecer o processo de inserção na sociedade hospedeira de imigrantes brasileiros qualificados que emigraram para a Irlanda, a fim de compreender se houve ressignificação da identidade nacional. Partimos do pressuposto de que os imigrantes transitam por diferentes contextos de poder e, assim sendo, eles procuram, de acordo com Hall (2006,2009), re/construir suas identidades de forma a obter legitimidade nos espaços que ocupam. A pesquisa tem cunho qualitativo e o formato metodológico escolhido é o estudo de caso. Foram entrevistados seis brasileiros residentes na Irlanda. O principal instrumento de coleta de dados foi a entrevista semiestruturada. Nossos estudos apontam para o arrefecimento de identificações com a cultura brasileira e, ao mesmo tempo, para o reforço de laços e lealdades culturais inerentes ao país hospedeiro. Consideramos que a busca por uma identificação com os irlandeses tem por objetivo facilitar a inserção na sociedade irlandesa, mas não significa que os imigrantes brasileiros rejeitam suas identidades nacionais.

Palavras-chave: Imigração; Identidade; Identidade nacional; Brasileiros na Irlanda.

¹ Professora do Departamento de Linguagem e Tecnologia (DELTEC) do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, CEFET-MG. Doutora em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). E-mail: elianemarchetti@gmail.com

Abstract: This article aims to know the process of integration in the host country of skilled Brazilians who have emigrated to Ireland. It tries to understand whether they have re-constructed their national identity. We assume that migrants transit through different contexts of power, therefore, they seek to, in according to Hall (2006,2009) re /construct their identities in order to obtain legitimacy in the spaces where they are.. The methodology uses the qualitative approach and it has the case study format. Six Brazilians who live in Ireland were interviewed. The data collection was performed through semi-structured interviews. The results point to a decrease of identification with the Brazilian culture and, at the same time, the strengthening of cultural ties and loyalties inherent to the host country. We believe that the search for an identification with the Irish aims to facilitate their integration into that society, but it does not mean that the Brazilian immigrants reject their national identities.

Keywords: Immigration; Identity; National identity; Brazilian immigrants in Ireland.

Introdução

Viver em um outro país significa uma outra vida, fazer novas representações e dar significados diferentes a coisas que já eram familiares; é renunciar ao estabelecido; atentar para comportamentos comuns e corriqueiros que podem ser considerados inadequados, bizarros ou ofensivos; é procurar enxergar o mundo com olhos do outro para compreender como é ser visto por ele. (FREITAS, 2000, p. 4)

As migrações internacionais têm sido tema de destaque no cenário mundial. A rapidez das transformações das tecnologias da informação e da comunicação aliadas às enormes transformações econômicas, políticas, sociais, culturais e ideológicas têm contribuído para a aceleração do crescimento das migrações desde o final do século passado. Nesse contexto, além das migrações forçadas por desastres naturais e conflitos políticos, verificamos o crescimento da migração familiar e a ampliação do número de deslocamentos individuais em busca de oportunidade econômica e melhor condição de vida.

Apesar de não ser uma nova modalidade de deslocamento, a migração econômica tem se intensificado graças à reestruturação dos sistemas produtivos e financeiros, bem como pelos impactos das novas tecnologias, responsáveis pela crescente interação promovida pelos meios de comunicação. Uma das facetas importantes do processo de globalização é a internacionalização dos mercados de trabalho.

O Brasil se insere nesse novo contexto das migrações internacionais. Além de presenciar a recente entrada de estrangeiros no país desde o final da década de 1980, o país tem sido surpreendido pela emigração de seus nacionais. Nas últimas décadas, muitos brasileiros têm buscado a emigração como um meio de aliar o aprimoramento profissional à continuidade da formação acadêmica. Esse fato surpreende pois a história mais recente da formação da população brasileira remete à imigração em massa de italianos, portugueses, espanhóis e alemães, entre outros, que fazem parte da descendência de grande número de brasileiros.

No entanto, as oportunidades criadas pelo crescimento econômico que antecedeu a atual crise não impediram o crescimento do fluxo de brasileiros que, a partir da virada do século XXI, deixaram o país em busca do exercício do trabalho e de aprimoramento educacional no exterior. Os estudos de Sales (1999), Bógus & Vidal (2005), Bógus (2007),

Torresan (2012) e Margolis (1994) evidenciam que a emigração de brasileiros tem sido fomentada por uma força de trabalho jovem, e que muitos deles possuem a graduação completa. Tem sido crescente o número de brasileiros com qualificação acadêmica que deixam o país e buscam na emigração a possibilidade do exercício do trabalho e/ou continuidade de suas qualificações educacionais com vias ao alcance de melhor qualidade de vida.

A Irlanda tem se configurado como um dos países europeus que nos últimos anos tem recebido, cada vez mais, imigrantes brasileiros, muitos atraídos pelo fato de seus cidadãos falarem a língua inglesa. Além disso, aqueles que migram com a finalidade de estudo podem ingressar no mercado de trabalho formal, desde que a jornada seja de meio período. Outro fator preponderante é o fato de o mercado de trabalho irlandês ser carente de mão de obra qualificada, principalmente no setor das indústrias das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC). Assim sendo, a política imigratória irlandesa faculta aos indivíduos não pertencentes à União Europeia (UE), como é o caso dos brasileiros, autorizações de trabalho para os profissionais qualificados em áreas desprovidas de mão de obra especializada. Esse fato possibilita que alguns imigrantes brasileiros já adentrem ao país contratados por empresas carentes desse tipo de mão de obra. Além disso, os brasileiros descendentes de nacionais oriundos dos Estados-membros da UE, cuja legislação permite a aquisição da nacionalidade por ascendência, ao requerem a cidadania de seus ascendentes tornam-se cidadãos da União Europeia (UE). Esses brasileiros, portadores do *status* de dupla nacionalidade, passam a usufruir o direito de adentrar no mercado de trabalho irlandês sem a necessidade de autorização para o trabalho que lhes faculte a permanência legal no país².

Publicações realizadas pela *Central Statistics Office Ireland* (CSO) registram que desde 2002 a presença de brasileiros no país vem aumentando, sendo que atualmente o Brasil está situado entre o segundo país não pertencente ao Espaço Econômico Europeu (EEE) com o maior número de imigrantes na Irlanda, ou seja, algo em torno de 15 mil, se considerados apenas os documentados.

Retornamos à epígrafe desta introdução, pois Freitas (2000, p. 4) conduz nossos pensamentos para além da simples idealização do sonho migratório. Com o autor

² Este artigo é um recorte da tese de doutorado em Ciências Sociais “A resignificação da identidade e a re/construção de cidadania de brasileiros na República da Irlanda: um estudo de caso de brasileiros qualificados (2000-2014)”, defendida em dezembro de 2015, sob a orientação do Prof. Dr. Luiz Eduardo W. Wanderley. Os direitos adquiridos pelos brasileiros através da posse de cidadania europeia e as leis que regem a política imigratória na Irlanda são amplamente discutidos nos capítulos II e III.

percebemos que os migrantes são levados a reconstruir suas identidades de modo a permitir o afrouxamento de diferenças existentes entre imigrantes e nacionais.

Neste artigo objetivamos conhecer o processo de inserção na sociedade hospedeira de imigrantes brasileiros qualificados que emigraram para a Irlanda, buscando compreender se houve ressignificação da identidade nacional. Partimos do pressuposto de que os imigrantes transitam por diferentes contextos de poder e, assim sendo, eles procuram re/construir suas identidades de forma a obter legitimidade nos espaços que ocupam (HALL, 2006, 2009).

A pesquisa tem cunho qualitativo e o formato metodológico escolhido é o estudo de caso (NUNAN, 1992). Foram entrevistados seis imigrantes brasileiros na Irlanda que preencheram os seguintes critérios: (a) ter emigrado entre 2000 e 2012 e estar residindo na Irlanda à época da pesquisa empírica, ou seja, em 2014; (b) a formação acadêmica contemplar cursos de graduação completo ou pós-graduação; (c) exercer trabalho compatível com a escolaridade e (d) possuir dupla nacionalidade, ou seja, cidadania irlandesa ou da UE. O principal instrumento de coleta de dados foi a entrevista semiestruturada. Os dados coletados têm o formato de narrativa oral e sofreram a técnica de análise de conteúdo (BARDIN, 2011).

No enfrentamento dos questionamentos levantados, nosso marco teórico foi constituído sob o conceito de identidade centrado na ótica de autores contemporâneos cujos estudos e pesquisas abrangem a visão não essencialista do construto. Portanto, os estudos de Hall (2006, 2009, 2011), Woodward (2009) e Silva (2009) balizam este estudo.

O deslocamento das identidades nacionais

O fator imigratório contribui para o realce de alguns aspectos da vivência subjetiva da identidade nacional. O imigrante desfruta a experiência de ser um estrangeiro em outro país, o que evidencia a dimensão contrastiva da identidade nacional. Além disso, partimos da premissa que o imigrante não deve ser visto simplesmente como um indivíduo que se deslocou de um lugar para outro. Os imigrantes brasileiros na Irlanda, informantes dessa pesquisa, devem ser entendidos num processo de recomeço de uma nova história e, assim sendo, suas identidades nacionais são constantemente confrontadas. Dessa forma, consideramos pertinente uma breve revisão teórica sobre o deslocamento das identidades nacionais.

Hall (2006), ancorado em Ernest Gellner, afirma a importância de um sentimento nacional para o sujeito, pois sem ele experimentaríamos um profundo sentido de perda subjetiva. O autor vê a nação como algo que produz sentidos, algo além de uma simples entidade política. As pessoas participam da ideia de nação como ela é representada em sua cultura nacional, ou seja, as identidades nacionais são formadas no interior da representação.

Hall (2006) evidencia que só sabemos o que significa ser ‘brasileiro’ devido ao modo como a ‘brasilidade’ veio a ser representada. A figura do sujeito nacional tem traços particulares que o distinguem das pessoas de outros países. Além disso, a construção de identidade nacional envolve marcos de ‘pertencimento’ a uma mesma nação. Vários aspectos de nossa identidade surgem de nosso pertencimento às culturas étnicas, sociais e nacionais. A lealdade e a identificação que na era pré-moderna eram dadas à tribo, ao povo, à religião foram gradualmente transferidas à cultura nacional. Elementos como idioma e símbolos nacionais contribuem para a formação de uma consciência de pertencimento.

Podemos inferir que a cultura nacional atua como fonte de significados culturais, foco de identificação e um sistema de representação. A cultura nacional é composta por instituições, mas também por símbolos. É um discurso à medida que constrói sentidos que são criados e reproduzidos pelas histórias contadas sobre a nação, pelas memórias e imagens construídas através desse processo. Os sentidos criados influenciam e organizam não apenas nossas ações, mas também as concepções que temos de nós mesmos. Assim sendo, ao produzir sentidos com os quais os indivíduos se identificam, as identidades vão sendo construídas (HALL, 2006).

O autor (op. cit) delinea algumas consequências da globalização para as identidades culturais. Entre elas, destacamos a homogeneização pós-moderna e a decadência das identidades nacionais. Os efeitos globais contribuem para o enfraquecimento de formas nacionais de identidade cultural, fazendo com que identidades nacionais estejam em declínio e que novas identidades híbridas estejam surgindo.

Ao discutir a tensão entre o ‘global’ e o ‘local’ na transformação das identidades, Hall (2006) percebe evidências de um afrouxamento de identificações com a cultura nacional e um reforço de outros laços e lealdade culturais ‘acima’ e ‘abaixo’ do nível do Estado-nação. A identidade nacional se impõe em quesitos que dizem respeito a direitos legais e cidadania. Entretanto, ‘abaixo’ do nível da nação, as identidades regionais e locais têm ganhado força. Já, ‘acima’ do nível da nação, as identificações globais começam a se deslocar e até mesmo a apagar as identidades nacionais.

Mathews (2002) considera que a identidade, tal como oferecida pelo mercado, é um dos fatores que geram o afrouxamento da identidade nacional no mundo de hoje. O autor se reporta ao supermercado material e ao supermercado cultural. O primeiro conduz a um fluxo de produtos do mundo inteiro para os mais diversos cantos do planeta, o último conduz a um fluxo de informações e identidades potenciais, também, para cada canto do mundo. Como consequência, é produzida um tipo de identidade que conduz o pertencimento ao mercado, tanto às suas formas materiais quanto culturais. Na identidade baseada no mercado, o lar de um indivíduo é o mundo. O autor entende que a construção de identidade das pessoas ligadas pelos meios de comunicação de massa pode ser influenciada tanto pelos supermercados culturais quanto pelo Estado. Essa ambivalência, de certa forma, corrói a identidade nacional. Com Hall (2006, p.87), reforçamos essa linha de condução teórica:

a globalização tem, sim, o efeito de contestar e deslocar as identidades centradas e “fechadas” de uma cultura nacional. Ela tem um efeito pluralizador sobre as identidades, produzindo uma variedade de possibilidades e novas posições de identificação, e tornando as identidades mais posicionais, mais políticas, mais plurais e diversas; menos fixas, unificadas ou trans-históricas.

Para Hall (2006, p. 87), “as identidades estão sujeitas ao plano da história, da política, da representação e da diferença, assim, é improvável que elas sejam ‘puras’: e essas conseqüentemente gravitam ao redor daquilo que Robins (seguindo Homi Bhabha) chama de “Tradução”. Nessa linha de reflexão, o autor pondera que a Tradição, caracterizada pela estabilidade, é desafiada pela Tradução Cultural. Para o autor, as pessoas que pertencem a culturas híbridas mantêm vínculos com a cultura do país de origem, e, ao mesmo tempo, elas são constrangidas a negociar com a nova cultura sem perder completamente as suas identidades. Essas pessoas estão traduzidas. As culturas híbridas constituem um dos diversos tipos de identidade distintivamente novos produzidos na era da modernidade tardia.

Nessa perspectiva, coadunamos com o autor que a identidade não tem a ver com o “retorno às raízes”, mas com uma negociação com novas “rotas”. De acordo com Bezerra (2007, p. 97), “os processos de identificação e os vínculos de pertencimento se constituem tanto pelas (‘raízes’, heranças, passado, memória etc.) como pelas traduções (estratégias para o futuro, ‘rotas’, ‘rumos’, projetos etc.)”. Os indivíduos traduzidos têm de aprender a habitar pelo menos duas identidades, falar duas linguagens culturais e,

consequentemente, traduzir e negociar entre elas. Diferentes identidades culturais de diferentes culturas são absorvidas pelo imigrante e tornam-se parte de suas identidades sociais.

A revisão teórica realizada nos leva a inferir que a identidade dos imigrantes é construída de forma relacional e contrastiva, com processos de identificação construídos ‘na e pela diferença, e não fora dela’. Entendemos, portanto, que a re/construção da identidade como forma de reconhecimento social é estratégica e posicional. Dessa forma, ao realizar processos de construção identitária em busca de construção de cidadania e de melhor qualidade de vida em um país estrangeiro, o imigrante é levado a negociar com as culturas em que vive, sem perder sua identidade.

Reforçamos essa linha de pensamento com Souza-Santos (2001, p.107) ao afirmar que “as subjetividades³ se combinam diferentemente sob múltiplas circunstâncias pessoais e coletivas”. Nesse sentido, a pluralidade de modos de ser do indivíduo é devida à combinação e ou à integração de diferentes subjetividades. No caso do imigrante sua identidade é construída para que possa pertencer não a uma, mas a várias casas.

O perfil dos entrevistados

Para traçar o perfil dos entrevistados apresentamos o Quadro 1 que sistematiza parte dos dados coletados referentes à identificação dos informantes.

Quadro 1

Informantes	Idade	Formação educacional	Trabalho na Irlanda	Tempo de residência	Dupla nacionalidade
Celina	48	Turismo	Empresária (Turismo)	14 anos	Cidadania italiana
Ivan	37	Ciência da Computação	Consultor	10 anos	Cidadania italiana
Jane	29	Ciência da Computação	Analista de sistemas	2 ½ anos	Cidadania italiana
Lucas	36	Engenharia Mecânica	Consultor de projetos	8 anos	Cidadania italiana
Priscila	34	Medicina	Empresária	4 anos	Cidadania italiana
Vera	34	Jornalismo Mestrado	Relações públicas	8 anos	Cidadania italiana

Fonte: Dados coletados e organizados pela autora (2014)

³ Segundo Souza-Santos, identidade seria o nome pós-moderno para subjetividade.

É possível observar que todos os informantes já estão de posse da cidadania italiana, exercem profissão compatível com o nível de escolaridade e que em sua maioria já se encontram na Irlanda há mais de oito anos. Pelas entrevistas realizadas, podemos afirmar que todos os informantes manifestam desejo de permanecer na Irlanda, uma das razões que os motivaram a buscar pela ampliação de direitos que lhes são concedidos a partir do momento em que se tornam cidadãos europeus⁴.

Brasilidade

Um dos mecanismos de identificação do sujeito é o sentimento de nacionalidade, de pertencimento à nação. A identidade nacional é aqui entendida como construção simbólica coletiva que reflete a herança histórica e cultural de um povo. Isso significa dizer que a língua, as práticas culturais e os dilemas sociais agem como fonte da identidade nacional. Nesse sentido, quando os informantes se identificam como brasileiros, significa que compartilham um caráter nacional.

A identidade nacional é aflorada na experiência migratória. Margolis (2013, p. 230- 231) afirma com propriedade:

A identidade brasileira significa, então, coisas muito diferentes dentro e fora do Brasil. O ponto de referência do indivíduo no Brasil não costuma ser a nacionalidade, mas a cidade ou estado de residência ou a classe social. Embora a identidade nacional em casa seja ponto pacífico e raras vezes notada, no exterior os brasileiros são classificados como estrangeiros de uma terra distante e, para alguns, exótica.

Ao confrontar com essa realidade, tão bem evidenciada pela autora, os emigrantes brasileiros vivenciam uma forte ambivalência, uma vez que processam as suas experiências através de um quadro duplo de referências: lá e aqui, antes e depois da emigração. Eles percebem que os elementos que particularizam a identidade brasileira no exterior são concebidos através de singularidades que muitas vezes não traduzem os seus modos de ser.

A condição de imigrante salienta aspectos da identidade nacional. A sociedade receptora associa o imigrante às características que rotulam a identidade coletiva de indivíduos pertencentes à determinada nacionalidade. Os imigrantes tendem a ser vistos

⁴ Ver a tese de doutorado desta autora.

pelos nacionais de forma tipificada, sem a consideração de suas individualidades. Assim sendo, a identidade nacional fora das fronteiras do Estado-nação, de forma geral, está associada a características de gênero, raça e cultura.

Os informantes de pesquisa percebem que a ‘brasilidade’ é realçada após a chegada à Irlanda. Com aporte nas pesquisas de Margolis (2013), afirmamos que as identidades são situacionais. Ser brasileiro na Irlanda é muito diferente de ser brasileiro no Brasil. Além das fronteiras do Estado-nação, ser brasileiro significa deixar de fazer parte da maioria para pertencer a um grupo minoritário, cuja imagem no exterior está associada a carnaval, samba, futebol, sexualidade, entre outras. Essa foi uma das grandes dificuldades encontradas por Ivan. Ele nos conta:

Uma das primeiras coisas que eu percebi que ia ter dificuldades e que eu passei por muito conflito é o fato de a Irlanda não reconhecer a diversidade de minha cultura brasileira. As pessoas sabem muito pouco sobre o Brasil, acham que o Brasil é futebol e carnaval, é turismo. Eles não têm ideia sobre a diversidade que existe no Brasil. Eu percebi também que as pessoas não tinham muito interesse no Brasil. Eu sempre tive muito orgulho do meu país e eu tinha dificuldade de falar sobre o meu país sem passar uma imagem de uma pessoa chata, que fica querendo falar sobre a sua cultura. (Entrevista à autora)

Bignami (2005) afirma que, em se tratando de atratividade turística, o Brasil se qualifica pelas seguintes categorias: (a) Brasil paraíso – ideia relacionada ao Éden, às belezas naturais; (b) lugar do sexo frágil – a ideia da beleza, da sensualidade, da libertinagem, do sexo fácil e barato; (c) Brasil do brasileiro – refere-se às características do povo brasileiro, do seu modo de ser: ‘jeitinho brasileiro’, hospitalidade, malandragem, alegria, simpatia; (d) país do carnaval – a imagem do país é associada a futebol, música, festa, samba, libertinagem, frenesi; (e) lugar do exótico e do místico – imagem associada às manifestações religiosas, à cultura negra e indígena, rituais místico. Esses estereótipos estão arraigados nas representações do país no exterior.

Todos os informantes, de uma forma geral, mencionaram o fato de se sentirem incomodados com a maioria dos estereótipos do brasileiro no exterior. Eles são constrangidos a lidar com imagens estereotipadas consideradas não condizentes com as suas características pessoais. A reconstrução de identidade desses informantes tem de ser ressignificada em função da autoimagem e da imagem que a comunidade local tem da identidade brasileira.

Uma das soluções encontradas pelos informantes é evitar comparecer em locais nos quais brasileiros com as características mencionadas possam estar presentes. Celina afirma: “Não me agrada o estereótipo que a brasileira tem no exterior. Eu evito frequentar festas de brasileiros. A gente vê umas meninas lá que deixam a gente com vergonha de ser brasileira. A vulgaridade, essa imagem que algumas passam e que acaba formando o estereótipo da brasileira”.

Margolis (2013, p. 231), em seus estudos voltados para a identidade brasileira nos Estados Unidos, pontua que “a identidade é construída, em parte, na perspectiva, do ‘não somos como eles’”. O estereótipo do brasileiro no exterior, ou seja, a maneira como os informantes percebem que podem ser tipificados pelos irlandeses, é muito diferente daquela que eles têm de si mesmos. Eles não querem ser confundidos com esse “outro”. A situação de contraste é evidente. Ela é fundamental para a afirmação da identidade.

Ao se depararem com as imagens feitas pelo outro, os informantes são levados a repensarem as percepções sobre si mesmos. Surge uma relação ambígua com a identidade brasileira elaborada no exterior. Vera é outra informante que também recusa identificar-se com o estereótipo dado aos brasileiros. Ela relata:

Eu procuro selecionar os brasileiros com os quais convivo, porque, infelizmente, a maioria dos que vêm para cá só replicam a imagem errada de que o Brasil é só samba, futebol. Eu detesto isto. Eu não frequento festa brasileira. Eu tenho amigos brasileiros. Mas eu sempre procurei selecionar muito. (Entrevista à autora)

Os estudos de vários autores apontam que a dimensão de gênero da identidade brasileira contribui pela forma estereotipada com as quais as mulheres brasileiras costumam ser vistas no exterior. Rezende (2009), entre outros, afirma que a sensualidade acentuada da mulher brasileira é um traço forte da representação do gênero feminino. Essa imagem foi rechaçada pelas informantes. Elas reivindicam assumir uma identidade diferente daquela classificação que lhes é atribuída (BAUMAN, 2011).

Celina já emigrou com o *status* de cidadã europeia e não tinha namorado à época da entrevista. Ela já estava separada de seu companheiro no Brasil, quando decidiu emigrar com o filho. Ela nos conta:

Se eu vou num bar, se eu vou conhecer alguém e eu digo que sou brasileira, parece que o olho brilha. Eles mudam o jeito de conversar, já começam a olhar para as tuas pernas. Aí começam a dizer que as brasileiras estão sempre

bem. Muda. Eles já mudam. Se te consideravam de uma maneira, já te olham diferente. (...) Como sou gaúcha, eu me identifico muito com a cultura do sul do Brasil, do Uruguai e da Argentina. A dança, a música, é tudo igual. Como eu falo espanhol, eu passei a falar que sou uruguaia. (Entrevista à autora)

Celina deixa claro que se sente incomodada em ser marcada por um estereótipo que não condiz com seu modo de ser. Para que não seja vista pela suposta sensualidade, ela prefere se nomear como uruguaia. Como imigrante, ela confronta com uma representação da identidade brasileira que não é a que possui. Ela recusa ser reconhecida por características vistas como negativas pelo padrão social local. A solução encontrada pela informante é a de omitir a sua identidade brasileira.

Lucas vivencia o mesmo dilema em relação à filha adolescente. Ela tem a dupla nacionalidade, ou seja, ela tem também o *status* de cidadã italiana. Segundo o informante, quando a filha lhe perguntou que nacionalidade deveria adotar, ele respondeu: “Olha é uma questão de conveniência, isso depende do momento que tu estás, do ambiente que tu estás, do grupo que tu estás. Às vezes é conveniente dizer que tu és brasileira ou não, às vezes é conveniente dizer que tu és italiana”.

Os brasileiros não querem se identificar com as representações sobre as quais imperam uma conotação negativa sobre a identidade brasileira no exterior. Os informantes sentem-se incomodados em serem identificados com uma identidade que não condiz com seus modos de agir e pensar. Mas a relação com a identidade brasileira no exterior é ambígua. Ela também tem conotação positiva. Celina e Jane relatam em suas entrevistas que a fama de trabalhador que os brasileiros conquistaram na Irlanda foi fator fundamental para que elas conseguissem emprego. O relato de Vera confirma o exposto acima: “o fato de eu ser brasileira pesou em minha primeira entrevista de emprego na Irlanda. Os brasileiros têm a fama de serem trabalhadores. Isso gera uma imagem positiva e é claro que ajuda”. Além disso a informante expõe outras características da identidade nacional, como o orgulho de ser brasileira. Esse sentimento é expresso ao identificar valores inerentes à força de vontade, ao caráter que seus patrícios possuem, valores esses que não estão intrínsecos no coletivo imaginário que os irlandeses possuem da identidade nacional dos brasileiros. Sua narrativa corrobora subjetividades recorrentes nas falas dos informantes.

Eu tenho muito orgulho de me mostrar brasileira nas coisas que não são convencionais. Por exemplo, eu morro de orgulho quando eu sei que tem gente estudando aqui, que faz serviço de limpeza, mas está fazendo o mestrado.

Eu morro de orgulho de encontrar o professor que é brasileiro. Agora, essa coisa de eu sou brasileira por causa da Copa. Sabe, eu não tenho. Para você ter ideia, eu trouxe camiseta para todo mundo que eu conheço. Pois é, e eu não tenho uma para mim. E daí eu fico pensando assim: ‘isso é o ‘x’ da questão’. Como que eu me sinto brasileira? E quando que eu tenho orgulho? Eu tenho orgulho quando eu fui fazer o meu mestrado aqui na Irlanda, fiz a pesquisa de campo, no Médio Mearim, que é a divisa da floresta amazônica no Maranhão, antes de começar a floresta amazônica. Quando eu vejo o trabalho daquele pessoal, o trabalho de associação de raiz, aquele monte de mulheres que vive de agricultura, sendo recompensadas, a vida melhorando para elas lá, aí eu sinto orgulho de ser brasileira. Quando eu vejo este tipo de coisa assim. Mas não nas coisas convencionais. Eu tive orgulho de mostrar a minha pesquisa de mestrado aqui. (Entrevista à autora)

A identidade tem relação intrínseca com o pertencimento, seja ele, geográfico, de classe social, de gênero etc. Temos com Bauman (2011) que, tanto o pertencimento quanto a identidade são negociáveis e revogáveis. O fato de ser imigrante realça aspectos da vivência subjetiva da identidade. A cultura nacional atua como uma fonte de significados culturais, foco de identificação e um sistema de representação.

Observamos também através de vários relatos que os informantes tendem a reproduzir os valores de sua identidade nacional. Vera conta que faz churrascos na sacada de seu apartamento, prática não usual na Irlanda. É a tentativa de reproduzir no espaço privado valores identitários nacionais. A identidade nacional é situacional: ser brasileiro em casa. Essa é uma forma encontrada de preservar a ‘brasilidade’.

Eu tenho um ‘*balcony*’ em casa, uma sacada. Não quero nem saber se pode fazer churrasco. Saí, fui lá e comprei uma churrasqueira. Meu marido dá risada, ele fala: a gente vai ser expulso desse apartamento, por causa dessa fumaceira aí. (Entrevista à autora)

Conforme já mencionamos, o processo de reconstrução de identidade dos imigrantes é ambíguo. As entrevistas indicam a existência de um afrouxamento de identificações com a cultura nacional e, ao mesmo tempo um reforço de laços e lealdades culturais relativos ao país hospedeiro (HALL, 2006, 2009). Isso significa que os informantes estão em busca de uma identificação com os irlandeses. A identificação se dá pela dificuldade do sujeito sustentar suas diferenças. A identidade nacional brasileira constata a fragilidade dos informantes no sistema de trocas sociais no qual se encontram inseridos. Isso não significa que eles abriram mão de suas identidades nacionais, mas que suas identidades

estão em reconstrução. A identificação se relaciona com pertencimento ao grupo com o qual se relacionam. Eles relatam:

Aqui não se usa ter empregada em casa. Como eu trabalho em casa, eu sou o *'househusband'*. Eu que faço comida, eu que limpo. E eu acho isso ótimo, fantástico. Lá no Brasil esta necessidade assim de ter *'escravos'* de certa forma, são tão mal pagos que são quase escravos. É uma coisa cultural, não é de agora, é histórico. (Lucas, entrevista à autora)

Eu me sinto brasileira, mas eu acho que a gente perde um pouco da identidade. Não me sinto tão orgulhosa de ser brasileira como já senti. Não sei se é a consciência que vem com a idade ou se é pelo fato que eu não estou mais no Brasil. Mas hoje eu tenho uma crítica muito maior ao Brasil e uma esperança muito menor do que eu tive antes. (Priscila, entrevista à autora)

Foi possível observar que em várias situações ser reconhecido como brasileiro gera incômodo, pois os informantes se viam fixos em uma identidade nacional que para eles se encontrava em processo de reconstrução. Torna-se evidente que os discursos dos informantes são ambíguos e denunciam uma fragmentação identitária (HALL, 2006, 2009, 2011; WOODWARD, 2009, SILVA, 2009).

O processo de reconstrução da identidade nacional vivenciado pelos informantes favorece a adequação aos padrões locais e a inclusão à sociedade em que se encontram, e, portanto, auxilia na ampliação de suas cidadanias. No entanto, entendemos que o sentimento de *'brasilidade'* que carregam consigo é forte o suficiente para que permaneça.

Considerações finais: a ampliação do conceito de identidade do imigrante - uma pessoa traduzida

Como vimos, um dos mecanismos de identificação do sujeito é o sentimento de nacionalidade, de saber-se pertencente a uma nação. O sentimento de lealdade a uma nação, o partilhamento de uma mesma cultura pelos nacionais de um Estado-nação fornecem ao indivíduo a significação para a construção de uma identidade cultural e o pertencimento a uma nação.

Com aporte em Hall (2006), percebemos que a identidade cultural pode ser compreendida a partir de dois posicionamentos. Um deles refere-se à vivência histórica partilhada entre os membros de uma nação materializada em símbolos, códigos e referências que dão sentido ao pertencimento a uma nação. Já o outro se refere à experiência individual,

que pode transformar e adaptar uma cultura ao acrescentar valores e referências pessoais, sobretudo a partir da aceleração da globalização. O desenvolvimento da tecnologia da informação ampliou a interconexão entre países e indivíduos e, por consequência, trouxe o afrouxamento de identificações com a cultura nacional e o reforço de outros laços e lealdades culturais “acima” e “abaixo” do nível da nação.

As migrações internacionais têm contribuído para que as identificações com outras culturas estejam se sobrepondo, se deslocando. Temos com Hall (2006) que as “identidades modernas estão sendo ‘descentradas’, isto é, deslocadas, fragmentadas” à medida em que a vida social se torna cada vez mais mediada pelo mercado global, pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, pelas viagens internacionais e pelas migrações. Esse novo estilo de vida social gera uma sobreposição de lealdades e identificações que conectam os indivíduos a diversos grupos sociais articulados dentro e fora do Estado-nação. A ideia do sujeito nacional cede espaço para as identidades descentradas e híbridas, permitindo novas articulações e superações de diferenças culturais. Esse deslocamento desarticula identidades estáveis do passado, mas possibilita a criação de novas identidades.

Em consonância com o pensamento dos autores pós-estruturalistas da identidade cultural que balizam nossos estudos, torna-se possível afirmar que as identificações pelas quais perpassam os imigrantes brasileiros na Irlanda acontecem em prol do afrouxamento das diferenças existentes entre imigrantes e irlandeses. Os informantes são confrontados com uma representação da identidade brasileira que é muito diferente daquela que possuem de si mesmos e, em sua maioria, não condizentes com seus modos pessoais de ser e agir. Eles se sentem fragilizados ao serem tipificados por características vistas como negativas pela sociedade irlandesa. Foi possível verificar que, em várias situações, ser reconhecido como brasileiro gera incômodo, pois os informantes se veem fixos em uma identidade nacional que para eles se encontrava em processo de reconstrução.

Nossos estudos apontam para o arrefecimento de identificações com a cultura brasileira e, ao mesmo tempo, para o reforço de laços e lealdades culturais inerentes ao país hospedeiro. No entanto, tornou-se evidente que hábitos e costumes advindos da cultura brasileira são mantidos na intimidade do lar. Consideramos possível inferir que a busca por uma identificação com os irlandeses tem por objetivo facilitar a inserção na sociedade irlandesa, mas não significa que eles abrem mão de suas identidades nacionais. Significa apenas a fragilidade da identidade nacional dos informantes no sistema de trocas sociais no qual estão inseridos.

Verificamos que os informantes de pesquisa carregam consigo traços das culturas, das tradições, das vivências no Brasil, mas são levados a negociar com a nova cultura em que vivem, sem serem assimilados por elas, sem perderem suas identidades. As ressignificações identitárias que ocorrem durante todo o processo migratório são preponderantes para que possam ir se adaptando e integrando à sociedade receptora, bem como para a ampliação de suas cidadanias na Irlanda.

Referências bibliográficas

AZEVEDO, Eliane Marchetti Silva (2015). A ressignificação da identidade e a re/construção de cidadania de brasileiros na República da Irlanda: um estudo de caso de brasileiros qualificados (2000-2014). Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP.

BARDIN, L. (2009). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, LDA.

BEZERRA, A.C.A. [et al.] (2007). Territórios, identidades e lutas sociais na amazônia. In: ARAÚJO, F.G.B., HAESBAERT, R. (Org.). *Identidades e territórios: questões e olhares contemporâneos*. Rio de Janeiro: Access Editora.

BÓGUS, L.M.M. (2007). Esperança no além-mar: Portugal no arquipélago imigratório brasileiro. In: MALHEIROS, J.M. (org.). *A imigração brasileira em Portugal*. Lisboa: alto comissariado para a imigração e diálogo intercultural (ACIDI).

BÓGUS, L. M. M.; VIDAL, S. M. S. (2005). Imigrantes brasileiros em Portugal e no Canadá: vivências temporais na migração internacional contemporânea. In: BERNARDO, T; RESENDE, P. E. A. (Org.). *Ciências sociais na atualidade*, 1ª ed., São Paulo: Ed. Paulus..

FREITAS, M. E. (2000). Vida de executivo expatriado: a festa vestida de riso e de choro. In: *Encontro Anual da ANPAD*, 24, 2000. Florianópolis: ANPAD.

HALL, S. (2006). *A identidade na pós-modernidade*. SILVA, T. T. (trad.). 11. ed. Rio de Janeiro: DP & A.

_____. (2009). Quem precisa de identidade? In: *Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais*. SILVA, T. T. (org.) HALL, S.; WOODWARD, K. 9ª. ed. Petropolis: Vozes.

_____. (2011). *Da diáspora: Identidades e mediações culturais*. Tradução: Adelaine La Guardia Rezende. 1ª ed. Belo Horizonte: Editora UFMG,

MARGOLIS, M. L. (1994). *Little Brazil: an ethnography of Brazilian immigrants in New York City*. Princeton: Princeton University Press.

_____. (2013). *Goodbye, Brazil: emigrantes brasileiros no mundo*. Tradutora: Aurora

M. S. Neiva. São Paulo: Contexto.

MATHEWS, G. (2002). *Cultura global e identidade individual: A procura de um lar no supermercado cultural*. Tradução: Mário Mascherpe. Bauru, SP: EDUSC.

REZENDE, C. B. (2009). *Retratos do estrangeiro: identidade nacional, subjetividade e emoção*. Rio de Janeiro, ed. FGV.

SALES, T. (1999). *Brasileiros Longe de Casa*. São Paulo: Cortez Editora.

SILVA, T. T. (2009). A Produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T. (ed.). *Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais*. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes.

SOUZA-SANTOS, B. (2001). *Pela Mão de Alice: O Social e o Político na Pós-Modernidade*. 8. ed. São Paulo, SP: Cortez.

TORRESAN, A.M.S. (2012). A middle class besieged Brazilians' motives to migrate. *Journal of Latin American and Caribbean Anthropology*, v. 17, n.1.

WOODWARD, K. (2009). Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. (ed.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes.